

GONÇALO PENA

Sauvage Europeén

06.02.2015 - 07.03.2015



Selvagem, o Sr. Silvestre ou o Rupestre Europeu

Neste confronto fiquei algo surpreso. Ao entrar no espaço de exposição dir-me-ia de grosso modo como que numa colectiva. Materiais diversos, atitudes várias dentro da mesma disciplina, sobreposições, trabalhos antigos e novos, um escândalo de mau gosto. O autor naturalmente disponibilizou-se a lançar alguma luz na caverna da presença. Se cada disciplina possui um espectro de condicionantes processuais, conceptuais e expressivos, a chave, essa peça que desvela sempre o busílis, é um itinerário temerário, uma deambulação recente pelo norte da Fenoscândia, em busca da bela imagem do verdadeiro eflúvio magnético, a aurora borealis. Não há dúvida, a viagem do artista de Volkswagen qua victorinox, num furgão laboratório de diversas ferramentas plásticas até à umbra esverdeada da calote polar fez-se arte da fuga, e o resultado pergunta-nos a todos: como é ser essa coisa domesticada, aquele molho de brócolos, o que é ser um Europeu. É aqui que entra o selvagem, uma reflexão sobre as formas de tomar de assalto a gruta ou partir dela para o mundo.

A exposição inicia-se como se estivéssemos num gabinete de turismo boreal. Começa com um enorme “postal” de uma aurora-tornado e um filme de 16mm transferido a vídeo num daqueles monitores que a experiencia da arte contemporânea nos habituou amiúde a ver nos museus. São “polaroids” senhor! Construídas in loco, algumas com dupla exposição, encenadas com pequenas esculturas e filmadas numa sequência que sugere a existência de um qualquer guião, talvez um diário de campo e uma alguma ficção, penso eu. O filme termina com a imagem de uma irrupção tectónica, uma wasteland. Logo a seguir o olho fotográfico a la “grim reaper” é rockeiro qb. A exposição prossegue generosa em material e o diálogo em delírio.

O rompimento tectónico é uma marca bruta e próxima da prática industrial que transforma e tudo dissolve. Na obra larga da afirmação transumana haverá gesto mais degustativo do que rebentar uma crosta? E a crosta da terra? O psicótico da teoria das conspirações diria que o analfabetismo é a pré-condição para a escravatura. Mas caro autor, respondo-lhe eu que passo aqui por acaso, não será o teu estado resultado dessa mesma dissolução? Nesta fuga inicial percebe-se que o Grand Tour encetado pelo viandante encerra o paradoxo melancólico dos esfolados dos tratados de anatomia. Franzimos imediatamente o sobrolho a esta suspensão impotente da razão que se descobriu matricida, e com a candura necessária propomos a reorganização dos escombros num conceito estável. No antropoceno, que é como quem diz, no universo da experiência possível, a terra vive perigosamente revolta e é a partir das suas faldas cortantes, dos gases e das mousses escaldantes que se fere como na colónia penal, o signo.

Mas para o europeu como será este medrar sonâmbulo, como lapa agarrada a um contínuo wiederaufbau? Que outros maravilhosos edemas nos fará excrescer o permanente fallout, a emanação da onda verdiscante, o longínquo pulsar do coração do quasar? A mensagem do vin'douro depois da patuscada.

Divirto-me com este caro selvagem. Admiro também a fortitude do caminho com que se estabelecem nexos sobre o som, um refulgir absurdo em cada linguagem. Sinto por vezes algo que se assemelha a um cuidado que se tem com um convalescente. Quando o vejo agilmente a deslizar entre planos de reflexão, como num palácio de espelhos, ecrãs e janelas, descubro um estranho enciclopedista. Fui eu que lhe chamei de selvagem no início deste tentame disciplinar, no título que dei a este texto. Respondeu-me, complementando: “Príncipe Rupestre do Reno, General de Cavalaria Realista na guerra civil Inglesa”. “Que tontice!”, retorqui ao mesmo tempo que notava a ambiguidade da expressão “Realista”. A verdade é que “Príncipe Rupestre do Reno” provoca uma deriva imediata entre um género de Siegfried, um Neandertal e a sua integração na Inglaterra de Hobbes e Locke. Tal associação não deixa de me provocar um sorriso. Terá deixado prole, filhas loiras de tranças caídas e busto em B? Caí de novo na armadilha.

Volto à carga.

Os desenhos apresentam operações claras, uma escrita por outros meios. O viandante age como um cronista clandestino, sem autorização e sem autoridade. De algum modo noto que neste trabalho a expressão “time is out of joint” aplica-se e fantasma-se. Então a designação de autor aplica-se aqui menos num sentido literário de criador do que no sentido latino (auctoritas) de uma legitimação misteriosa que se opõe à palavra potestas (poder personificado). Percebe-se que esta escrita procura sorver sentido de um cerne, alma, essência do mundo (der Welt) mas sobre uma terra (Erde) já ela própria em estado de revolução, artefacto, artificial mas sobretudo catastrófica. A aurora boreal surge neste contexto feita de sombra-luz insubmissa, incaptável, memória longínqua de um tempo primevo em que a matéria fotónica e evanescente prespira de todas as elucubrações do espírito. Daí a profanação inicial, a história da nossa civilização como fantasma. Percebe-se a analogia com um marionetista gasoso, encantatório. Paira todo um espectro de taumaturgia, a noite dos mortos-vivos esverdeados, pisang ambon! Com o meu pesar nem sempre esta escrita é clara. Por vezes o viandante cede à vagueza pia da exclamação romântica. Noutros, iconoclasta, vocifera: “filhos da puta!”. Interessa-me porém a permanente atitude, ou seria talvez melhor dizer, a natureza de caçador-recolector, o amontoar de troféus inúteis, de cabeças cortadas e reduzidas, ora como oráculo ou como gozo puro.

A minha atenção volta-se agora para processo ou o meio pelo qual se faz esta deriva. O autor transgredir os modos de produção, usurpando-os. É aqui visível a diferença imposta nas velocidades de materialização dos vários suportes com que se arma em viagem. Partindo do desenho-come-arco-e-flechas, as diferenças de meio taxam-se sob a forma de despistes, atolagens, desvios de sentido, nunca acertando em cheio na mousse. A pintura carrega a gordura que faz rebentar o sentido claro da ideia para o escorrer incessante de finalidade muda, circular, opiácea. A objectividade da câmara, em oposição excessivamente rápida, obriga-o à reconstrução trash, à montagem, à vertigem da lente-matéria, quitada, partida, repartida. Do duelo com os meios de produção, o desenho transforma-se. O desafio técnico constitui como que um drama oculto neste trabalho. A aposta parece querer forçar os meios à ligeireza do nexos imediato entre cérebro e mão, conceito e acção: práxis. É de qualquer modo um lançar de dados.

André Poejo, 2015